

1. EDUCAÇÃO APÓS AUSCHWITZ *

Para a educação, a exigência que Auschwitz não se repita é primordial. Precede de tal modo quaisquer outras, que, creio, não deva nem precise ser justificada. Não consigo entender como tenha merecido tão pouca atenção até hoje. Justificá-la teria algo de monstruoso em face da monstruosidade que ocorreu. Mas que a exigência e os problemas decorrentes sejam tão subestimados testemunha que os homens não se compenetraram da monstruosidade cometida. Sintoma esse de que subsiste a possibilidade da reincidência, no que diz respeito ao estado de consciência e inconsciência dos homens. Todo debate sobre parâmetros educacionais é nulo e indiferente em face deste - que Auschwitz não se repita. Foi a barbárie, à qual toda educação se opõe. Fala-se da iminente recaída na barbárie. Mas ela não é iminente, Auschwitz é a própria recaída; a barbárie subsistirá enquanto as condições que produziram aquela recaída substancialmente perdurarem. Esse é que é o receio todo. A pressão da sociedade perdura, não obstante toda a invisibilidade do perigo hoje. Ela impele os homens até o indescritível, que em Auschwitz culminou em escala histórica. Entre as intuições de Freud que realmente alcançaram também a cultura e a sociologia parece-me das mais profundas que afirma que a civilização produz a anticivilização e a reforça progressivamente. Seus escritos sobre "o mal-estar na cultura" e a "psicologia das massas e análise do ego", mereceriam a mais ampla difusão precisamente no contexto de Auschwitz. Se no próprio princípio da civilização está implícita a barbárie, então repeti-la tem algo de desesperador.

* Reproduzido de ADORNO, T. W. *Erziehung nach Auschwitz*, In: —. *Stichworte; kritische Modelle* 2. Frankfurt, Suhrkamp, 1974. Trad. por Aldo Onesti.

A consciência de que o retorno de Auschwitz há de ser impedido é ofuscada pelo fato de que devemos conscientizar-nos desse desespero se não quisermos cair no palavrório idealista. Contudo, deve-se atentar para o fato de que, mesmo em vista disso, a estrutura básica da sociedade e as características inerentes que a isso a induziram são hoje as mesmas de vinte e cinco anos atrás. Milhões de homens inocentes – especificar ou regatear os números é decididamente indigno do homem – foram sistematicamente assassinados. Isso não deve ser tratado por nenhum ser humano como fenômeno superficial, como aberração do curso da História, que não interessa em vista da grande tendência do futuro, do esclarecimento de uma humanidade supostamente evoluída. Que aquilo tenha acontecido é de *per se* indício de tendência extremamente poderosa da sociedade. A respeito, eu gostaria de relatar um fato que, de maneira bem característica, mal parece ser conhecido na Alemanha, embora um *best-seller* como *Os quarenta dias de Musa Dag e de Franz Werfel* tenha extraído dele seu argumento. Já na Primeira Guerra Mundial, os turcos – o chamado Movimento dos Jovens Turcos, sob a liderança de Enver Pachá e Talaat Pachá – fizeram assassinar bem mais de um milhão de armênios. Altas patentes militares alemãs e também membros do governo souberam evidentemente disso, mas mantiveram rigoroso sigilo. O genocídio tem suas raízes naquela ressurreição do nacionalismo agressivo que ocorreu em muitos países desde fins do século XIX.

Não poderá ser recusada a consideração de que a invenção da bomba atômica, que pode literalmente extinguir centenas de milhares de pessoas de uma só vez, pertence à mesma categoria histórica do genocídio. Há quem aprecie chamar o súbito aumento populacional atual de explosão demográfica: afigura-se como se a mesma fatalidade histórica da explosão demográfica também pudesse desencadear contra-explosões, a matança de populações inteiras. Basta isso para assinalar quão inscritas na marcha da História estão as forças contra as quais se deve lutar.

Dado que a possibilidade de alterar os pressupostos

objetivos - isto é, sociais e políticos - que contrariam tais resultados é hoje reduzida ao extremo, as tentativas de combate à reincidência desviam-se necessariamente para o lado subjetivo. Com isso, refiro-me essencialmente também à psicologia dos homens capazes de praticar o genocídio. Não creio que ajudaria muito apelar para valores eternos, ante os quais precisamente os que são propensos a tais crimes limitar-se-iam a encolher os ombros; não acredito tampouco que o esclarecimento sobre qualidades positivas das minorias perseguidas pudesse ser de grande valia. As raízes têm de ser procuradas nos perseguidores, não nas vítimas que, sob os mais mesquinhos pretextos, foram entregues aos assassinos. Torna-se necessário o que, sob este prisma, já denominei "volta ao sujeito". Deve-se conhecer os mecanismos que tornam os homens assim, que os tornam capazes de tais atos. Deve-se mostrar esses mecanismos a eles mesmos e buscar evitar que eles se tornem assim novamente, enquanto se promove uma conscientização geral desses mecanismos. Não são os assassinados os culpados, nem sequer no sentido sofisticado e caricato que atualmente alguns ainda gostariam de construir. Culpados são somente aqueles que, fora de si, deram neles vazão ao seu ódio e à sua fúria agressiva. Devemos trabalhar contra essa inconsciência, devem os homens ser dissuadidos de, carentes de reflexão sobre si mesmos, atacarem os outros. A educação só teria pleno sentido como educação para a auto-reflexão crítica. Dado todavia que, como mostra a psicologia profunda, os caracteres em geral, mesmo os que no decorrer da existência chegam a perpetrar os crimes, já se formam na primeira infância, uma educação que queira evitar a reincidência haverá de concentrar-se na primeira infância. Já mencionei a tese de Freud sobre o mal-estar na cultura. Mas ele ainda é mais abrangente do que pensou; sobretudo porque a pressão civilizatória que ele havia observado multiplicou-se até, entremetidos, o insuportável. Com isso também as tendências para a explosão, para as quais chamou a atenção, ganharam uma força que ele mal conseguiu prever. O mal-estar na cultura, entretanto, tem seu lado social - que Freud

não desconhecia, mas não examinou concretamente. Pode-se falar de uma claustrofobia da humanidade no mundo administrado, uma sensação de clausura em um contexto mais e mais socializado, densamente estruturado. Quanto mais apertada a rede, mais quer-se sair dela, muito embora sua própria estreiteza o impeça. Isso aumenta a raiva contra a civilização. A revolta contra ela é brutal e irracional.

Um esquema que se tem confirmado na história de todas as perseguições é que a sanha contra os fracos dirige-se sobretudo contra os que são julgados socialmente débeis e ao mesmo tempo - com ou sem razão - felizes. Do ponto de vista sociológico, eu ousaria acrescentar que nossa sociedade, embora se integre cada vez mais, incuba simultaneamente tendências desagregadoras. Essas tendências desagregadoras sob a superfície da vida civilizada organizada têm progredido extremamente. A pressão do geral predominante sobre toda a particularidade, os indivíduos e as instituições individuais tende a desintegrar o particular e o individual juntamente com sua capacidade de resistência. Com sua identidade e sua capacidade de resistência, os homens perdem também as qualidades graças às quais ser-lhes-ia possível opor-se àquilo que, a qualquer momento, possa novamente atraí-los para o crime. Talvez nem sequer consigam resistir, quando lhes é ordenado pelos poderes constituídos que voltem a praticar a mesma ação, desde que tal aconteça em nome de quaisquer ideais, nos quais nem precisam acreditar. Se falo da educação após Auschwitz, tenho em mente dois aspectos: primeiro, a educação infantil, sobretudo na primeira infância; depois, o esclarecimento geral, criando um clima espiritual, cultural e social que não dê margem a uma repetição; um clima, portanto, em que os motivos que levaram ao horror se tornem conscientes, na medida do possível. Naturalmente, não posso arrogar-me o direito de delinear o plano de tal educação, sequer em esboço. Mas gostaria de apontar ao menos alguns pontos nevrálgicos. Responsabilizou-se com frequência - por exemplo, nos EUA - o espírito alemão irrestritamente confiante na autoridade, pelo nacional-socialismo e também por Auschwitz. Considero essa

explicação excessivamente superficial, não obstante na Alemanha, bem como em muitos outros países europeus, a conduta autoritária e a autoridade cega terem perdurado muito mais firmemente do que gostaríamos de admitir numa democracia formal. Antes, é de supor-se que o fascismo e o horror que espalhou devem-se ao fato de que, embora as antigas autoridades constituídas do Império, já em plena decadência, houvessem sido derrubadas, os homens ainda não estavam psicologicamente preparados para a autodeterminação. Eles não se mostraram à altura da liberdade que caíra do céu. Por isso, as estruturas de autoridade assumiram aquelas dimensões destrutivas e – se assim posso dizê-lo – desvairadas, que não tinham, ou pelo menos não revelavam anteriormente. Se observarmos como visitas de quaisquer potentados já sem qualquer função política real levam a arrebatamentos extasiados de populações inteiras, justifica-se a suspeita de que o potencial autoritário continua bem mais forte do que se supõe. Quero deixar bem claro, todavia, que a volta ou não do fascismo decididamente não é uma questão psicológica, mas sim uma questão social. Apenas falo tanto do aspecto psicológico porque os outros momentos essenciais fugiram do alcance da vontade, precisamente no que tange à educação, se não escaparam inteiramente da intervenção dos indivíduos.

Pessoas bem-intencionadas, que não desejam que tudo volte a acontecer, citam com frequência o conceito de vínculo social. O fato de as pessoas já não terem vínculos seria responsável pelos acontecimentos. De fato, a perda de autoridade, uma das condições do horror sado-autoritário, prende-se a esse contexto. A uma mentalidade sadia afigura-se plausível invocar vínculos que ponham um paradeiro ao sádico, destrutivo, devastador, mediante um enérgico "Você não deve". Apesar disso, considero ilusório o expediente de valer-se de vínculos, ou mesmo a exigência de que se volte a manter vínculos, para que melhore o mundo e a situação da humanidade. A falsidade de vínculos incentivados apenas para que proporcionem alguma coisa – ainda que boa – sem que sejam por si mesmos substancialmente vividos pelos

homens não tarda a vir à tona. É espantoso com que rapidez reagem as pessoas, mesmo as mais tolas e ingênuas, quando se trata de detectar fraquezas dos que lhes são superiores. Os chamados vínculos facilmente se transformam em passaportes sociais – aceitos para fins de identificação como cidadão responsável – ou então produzem rancores hostis, psicologicamente contrários à sua finalidade original. Eles significam heteronomia, uma dependência de preceitos, de normas que fogem à racionalidade do indivíduo. O que a psicologia denomina superego, a consciência, é substituído em nome de um vínculo por autoridades externas, descompromissadas, permutáveis, como foi possível observar após o colapso do Terceiro Reich na Alemanha. É precisamente a disposição de aderir ao poder e, externamente, submeter-se como norma àquilo que é mais forte, à mentalidade dos algozes, que jamais deverá ressurgir. Por isso é tão fatal a recomendação do vínculo. As pessoas que o aceitam mais ou menos voluntariamente passam a encontrar-se numa espécie de constante estado de crise de comando. A única verdadeira força contra o princípio de Auschwitz seria a autonomia, se é que posso utilizar a expressão de Kant; a força para a reflexão, para a autodeterminação, para a não-participação. Certa feita, tive uma experiência que muito me assustou: numa viagem ao lago de Constância, eu lia num jornal de Baden um artigo sobre a peça de Sartre, *Mortos sem sepultura*, que trata de coisas terríveis. Obviamente a peça incomodava ao crítico. Mas não explicou o mal-estar que esta lhe causava com o horror da coisa em si, que é o horror deste nosso mundo, mas torceu a questão de maneira a concluir que, diante de uma atitude como a de Sartre, que se ocupava de tais assuntos, possuíamos, ao contrário, algo como o espírito para coisas mais sublimes: que não podíamos aceitar a insensatez do horror. Resumindo: o crítico procurava, por meio de precioso palavreado existencialista, omitir-se da confrontação com o horror. Essa é mais uma fonte de risco de uma repetição do que já houve, de não permitirmos uma aproximação dos fatos e de afastarmos de nós os que só falem disso como se os

culpados fossem eles e não os verdadeiros criminosos.

No problema da autoridade e da barbárie, percebo um aspecto que, em geral, passa quase despercebido. Dele faz menção uma observação no livro *O Estado SS* de Eugen Kogon, que contém uma visão central de todo esse sistema, e que não é absorvido pela ciência e pela pedagogia como merece. Kogon diz que os torturadores do campo de concentração onde ele mesmo passou anos eram em grande parte jovens filhos de camponeses. A diferença cultural ainda existente entre cidade e campo é uma das condições do horror, embora não seja a única, nem tampouco a mais importante. Repudio qualquer senso de superioridade para com a população rural. Sei que ninguém é culpado por ter crescido na cidade ou no campo. Registro apenas que provavelmente a desbarbarização no campo foi menos bem-sucedida do que em outros lugares. Mesmo a televisão e outros meios de comunicação de massa não conseguiram modificar muita coisa quanto ao não-acompanhamento total da cultura. Julgo mais correto dar expressão a essa realidade e contra ela reagir, do que louvar sentimentalmente quaisquer qualidades especiais da vida rural que, ameacem se perder. Chego ao ponto de considerar a desbarbarização do campo como um dos mais importantes objetivos educacionais. Todavia, isso pressupõe o estudo do consciente e subconsciente da população. Antes de mais nada, será preciso nos ocuparmos do impacto dos modernos meios de comunicação de massa sobre uma personalidade que ainda não alcançou nem de longe o liberalismo cultural do século XIX.

Para modificar esse estado de coisas, não deverá bastar o freqüentemente problemático sistema escolar existente no campo. Penso numa série de possibilidades. Uma delas – e estou improvisando – seria o planejamento das transmissões de televisão considerando-se os pontos nevrálgicos daquelas condições de consciência específicas. Depois, imagino que poderiam ser formados grupos educacionais e equipes de voluntários para que percorram as áreas rurais, promovendo discussões e ministrando cursos e ensino adicional que visem

ao preenchimento das lacunas mais ameaçadoras. Sei perfeitamente que tais pessoas não iriam desfrutar de grande popularidade. Mas, ainda assim, irá formar-se em redor delas um pequeno círculo que responda, e a partir daí os ensinamentos talvez possam se propagar.

Não deverá, entretanto, existir nenhum mal-entendido quanto à existência da inclinação arcaica para a violência, até mesmo em centros urbanos, nos grandes em particular. Tendências regressivas – isto é, pessoas com traços sádicos reprimidos – surgem hoje universalmente da tendência global da sociedade. Nesse sentido, quero trazer à lembrança o enfoque patogênico do corpo, que Horkheimer e eu descrevemos na *Dialética do iluminismo*. Sempre que o consciente estiver mutilado, isso reverte para o corpo e para a esfera somática, numa forma sem liberdade, tendente à violência. Basta reparar num tipo especial de pessoas sem cultura, como a sua linguagem – especialmente quando reclamam ou protestam contra alguma coisa – torna-se ameaçadora, como se os gestos da fala viessem de violência física mal controlada. Nesse contexto, precisamos estudar também o papel do esporte, que possivelmente ainda não foi devidamente reconhecido por uma psicologia social crítica. O esporte é ambíguo: por um lado pode ter efeito antibarbárico e anti-sádico através do *fair play*, cavalheirismo e consideração para com o mais fraco. Por outro lado, em muitas de suas modalidades e procedimentos, pode suscitar agressão, crueldade e sadismo, especialmente em pessoas que não se submetem pessoalmente aos esforços e à disciplina do esporte, mas que são meros espectadores; aqueles que costumam berrar no campo de esportes. Tal ambigüidade deveria ser analisada sistematicamente. Na medida em que a educação exerça alguma influência nesse sentido, os resultados deveriam ser aplicados na vida esportiva.

Tudo isso se relaciona mais ou menos com a antiga estrutura ligada à autoridade, com condutas – eu quase diria – do bom caráter autoritário antigo. Mas o que cria Auschwitz, os tipos característicos para o mundo de Auschwitz, é provavelmente algo de novo. Designam, por um lado, a

identificação cega com o coletivo. Por outro lado, foram condicionados a manipular massas, coletivos, como os Himmler, Höss, Eichmann. A meu ver, a medida mais importante contra o perigo de uma repetição, é contrapor-se a qualquer supremacia coletiva cega e aumentar a resistência contra ela, focalizando o problema da coletivização. Isso não é tão abstrato como poderia parecer diante do entusiasmo de pessoas mais jovens e de consciência progressista para se filiarem a qualquer coisa. Seria possível abordar o sofrimento que o coletivo inflige inicialmente a todos os indivíduos nele absorvidos. É suficiente pensar nas nossas próprias primeiras experiências na escola. Devem-se combater, antes de mais nada, aqueles costumes folclóricos, *folk ways*, rituais de iniciação de qualquer forma, que causam dor física – por vezes até o insuportável – a um indivíduo, como prêmio por pertencer a uma coletividade. O mal de certos costumes folclóricos é que se trata de precursores imediatos da violência nacional-socialista. Não é de admirar que os nazistas enaltecessem e cultivassem tais monstruosidades sob a designação de "costume". Caberia aqui à ciência uma tarefa extremamente atual. Poderia inverter energicamente a tendência da etnologia que os nacional-socialistas entusiasticamente encamparam para controlar a sobrevivência ao mesmo tempo brutal e fantasmagórica dessas diversões populares. Em toda essa esfera, trata-se de um pretensão ideal que também desempenha papel relevante na educação tradicional: o da dureza. Pode ainda, por mais vergonhoso que pareça, relacionar-se a uma declaração de Nietzsche, embora na verdade ele quisesse dizer outra coisa. Lembro que o terrível Boger teve um acesso durante uma palestra sobre Auschwitz, que culminou com um elogio à educação para a disciplina através da dureza. Esta seria necessária para formar o tipo de pessoa que lhe parecia certa. A imagem da educação pela dureza, na qual muitos crêem irrefletidamente, é basicamente errada. A concepção de que virilidade signifique o máximo de capacidade para suportar já se transformou há tempos em símbolo de um masoquismo que como demonstra a psicologia - se funde com demasiada

facilidade ao sadismo. Em última análise, a elogiada têmpera para a qual se é educado significa pura e simplesmente indiferença à dor. E não se faz tanta distinção assim entre uma e outra. Aquele que é duro contra si mesmo adquire o direito de sê-lo contra os demais e se vinga da dor que não teve a liberdade de demonstrar, que precisou reprimir. Esse mecanismo deve ser conscientizado, da mesma forma como deve ser fomentada uma educação que não mais premie a dor e a capacidade de suportá-la. Em outras palavras, a educação deve dedicar-se seriamente à idéia que não é em absoluto desconhecida da filosofia: que não devemos reprimir o medo. Quando o medo não for reprimido, quando nos permitirmos ter tanto medo real quanto essa realidade merecer, então possivelmente muito do efeito destrutivo do medo inconsciente e reprimido desaparecerá.

Pessoas que se enquadram cegamente em coletividades transformam-se em algo análogo à matéria bruta e omitem-se como seres autodeterminantes. Isso combina com a disposição de tratar os demais como massa amorfa. Na análise da *Authoritarian Personality* denominei os que se comportam dessa maneira possuidores de caráter manipulativo, e isso numa época em que o diário de Höss ou as anotações de Eichmann ainda nem eram de conhecimento público. Minhas descrições do caráter manipulativo datam dos últimos anos da Segunda Guerra Mundial. Muitas vezes, a psicologia social e a sociologia conseguem formar conceitos que somente mais tarde passam a corresponder à realidade empírica. O caráter manipulativo – e qualquer um pode constatar isso nas fontes disponíveis a respeito daqueles líderes nazistas – distingue-se pela mania de organização, pela incapacidade de vivenciar experiências humanas em geral, por certa espécie de falta de emotividade, pelo realismo exagerado. Ele quer praticar a qualquer preço uma *real politik*, mesmo que ilusória. Não concebe nem deseja por um segundo sequer que o mundo seja diferente daquilo que é, possuído pelo desejo de fazer coisas, *of doing things*, indiferente ao conteúdo de tais ações. Ele faz da atividade, da chamada *efficiency*, um credo que soa como propaganda ao

homem ativo. Esse tipo, entretanto – se não me iludo com as minhas observações e se determinadas pesquisas sociológicas permitirem generalizações –, está muito mais disseminado do que se poderia acreditar. Aquilo que exemplificava apenas alguns monstros nazistas poderá ser observado hoje em grande número de pessoas, como delinqüentes juvenis, chefes de quadrilha e similares, que povoam o noticiário dos jornais, diariamente. Se eu precisasse converter esse caráter manipulativo numa fórmula – talvez não devesse fazê-lo, mas pode contribuir para um melhor entendimento –, eu o chamaria "tipo com consciente coisificado". Em primeiro lugar, as pessoas dessa índole equiparam-se de certa forma às coisas. Depois, caso o consigam, elas igualam os outros às coisas. A expressão "acabar com eles", tão popular no mundo dos valentões, como no dos nazistas, revela muito bem essa idéia. Com essa expressão, "acabar com eles", as pessoas são duplamente definidas como coisas manipuladas. Segundo Max Horkheimer, a tortura representa a adaptação – sob controle e, de certa forma, acelerada – do homem ao coletivo. Uma parte disso representa o espírito de nossa época, mesmo tendo tão pouco a ver com espírito. Cito apenas o que Paul Valéry disse antes da última guerra, que a inumanidade teria um grande futuro. É muito difícil reagir contra isso, porque aquelas pessoas manipulativas, que, na realidade, são incapazes de uma vivência, apresentam traços de não-afabilidade que os vinculam a certos doentes mentais ou caracteres psicóticos, os esquizóides. Nas experiências de reação contra um novo Auschwitz, parece-me primordial entender como se produz o caráter manipulativo para, depois, pela modificação das condições, evitar o seu reaparecimento na medida do possível. Eu gostaria de fazer uma proposta concreta: estudar os culpados de Auschwitz com todos os métodos disponíveis na ciência, particularmente através de psicanálises prolongadas, para possivelmente elucidar como uma pessoa pode chegar a isso. O que essas pessoas ainda podem fazer de bom, mesmo em contradição com sua estrutura de caráter, caso isso seja possível, é nunca mais

fazerem o que fizeram. Isso só aconteceria se quisessem cooperar na pesquisa de sua própria gênese. Sem dúvida, deve ser difícil fazê-los falar; em nenhuma circunstância deve ser posta em prática qualquer coisa que se assemelhe aos métodos deles próprios para descobrir como eles ficaram assim. Entretanto, eles se sentem tão seguros – precisamente no seu coletivo, na sua sensação de ser um grupo de velhos nazistas – que praticamente nenhum mostrou sequer sentimentos de culpa. Mas é provável que haja neles, ou pelo menos em alguns, pontos de conexão psicológica que poderiam mudar isso, seja o seu nazismo ou, dizendo simplesmente, a sua vaidade. Talvez eles se sintam importantes quando podem falar desenfreadamente de si mesmos, como Eichmann, que encheu verdadeiras bibliotecas de livros. Afinal, deve-se supor que também nessas pessoas, se cavarmos bastante fundo, persistam resíduos da antiga instância de consciência, hoje talvez já em processo de dissolução. Todavia, uma vez conhecidas as condições internas e externas que as transformaram no que são – se pudermos partir da premissa hipotética de que isso é possível – então deverá ser viável chegarmos a conclusões práticas, para que essas condições não tornem a ocorrer. Se a experiência ajudar ou não, só ficará evidente depois de feita; não gostaria de supervalorizá-la. Precisamos entender que tais condições não bastam para explicar o ser humano. Sob as mesmas condições, alguns ficaram de um jeito, e outros de jeito totalmente diferente. Ainda assim, valeria a pena. Um esclarecimento em potencial já estaria contido no questionamento sobre como se ficou assim. Pois o modo de ser deles – o fato de serem assim e não de outra maneira – só por um estado consciente e inconsciente nefasto será considerado como sua própria natureza, como realidade inalterável e não uma consequência. Eu emiti o conceito de uma consciência coisificada. Trata-se porém de um consciente que rejeita tudo que é consequência, todo o conhecimento do próprio condicionamento, e aceita incondicionalmente o que está dado. Se esse mecanismo compulsório chegasse a ser rompido alguma vez, acredito, algo seria ganho com isso.

Ademais, no tocante ao consciente coisificado também se deveria observar a sua relação com a técnica, e isso não apenas em grupos pequenos. A relação com a técnica é tão ambígua quanto aquela, aparentada, com o esporte. Por um lado, cada período produz aqueles tipos de caráter de que necessita socialmente – os chamados tipos de distribuição de energia psíquica. Um mundo como o atual, em que a tecnologia ocupa posição-chave, produz pessoas tecnológicas, afinadas com a tecnologia. Isso é bem racional: será mais difícil iludi-los, na sua própria área, e isso pode ser transferido para o âmbito mais geral. Por outro lado, a atual atitude para com a tecnologia contém algo de irracional, patológico, exagerado. Isso está relacionado com "o véu tecnológico". As pessoas tendem a considerar a tecnologia como algo em si, como fim em si mesmo, como uma força com vida própria, esquecendo-se, porém, que se trata do braço prolongado do homem. Os meios – e a tecnologia é a essência dos meios para a autopreservação da espécie humana – são fetichizados, porque as finalidades – uma existência digna do ser humano – são encobertas e arrancadas do consciente humano. Enquanto se comenta a respeito, de forma tão genérica como eu o fiz, isso deve fazer sentido. Mas tal hipótese ainda continua demasiado abstrata. Não se sabe com precisão como a fetichização da tecnologia domina a psicologia individual das pessoas, onde se encontra o limiar de uma atitude racional para com ela e aquela supervalorização que finalmente faz aquele que cria um sistema de transporte para levar as vítimas o mais rapidamente possível a Auschwitz esquecer-se do que acontecerá com elas em Auschwitz. No tipo que tende para a fetichização da tecnologia, trata-se, simplesmente, de pessoas incapazes de amar. Isso não tem uma conotação sentimental, nem tampouco moralizante, mas designa o insuficiente relacionamento libidinal com outras pessoas. São pessoas essencialmente frias, que devem negar no seu íntimo a possibilidade de amar e cortam o amor pela raiz, antes que possa desabrochar em outras pessoas. O que nelas ainda sobrevive da capacidade de amar, elas precisam usar em

coisas materiais. Os caracteres preconceituosos, presos à autoridade, com os quais lidamos na pesquisa sobre a personalidade autoritária em Berkeley, fornecem numerosas evidências disso. Um voluntário – e esse já é um conceito do consciente coisificado – disse de si mesmo: "I like nice equipment" [Eu aprecio belos equipamentos], sejam quais forem eles. O seu amor foi absorvido por objetos, máquinas enfim. O que choca tanto nesse fato – e choca porque parece tão inútil combatê-lo – é que essa tendência está ligada à civilização inteira. Combatê-la equivale a opor-se ao espírito do mundo; mas com isso repito apenas algo que descrevi inicialmente como o aspecto sombrio de uma educação contra Auschwitz.

Eu disse que aquelas pessoas são frias de maneira especial. Cabem aqui algumas palavras sobre a frieza. Se não se tratasse de uma característica básica da antropologia, portanto da constituição humana tal como realmente existe em nossa sociedade; se os homens não fossem, por isso, profundamente indiferentes ao que acontece com todos os demais, exceto alguns poucos aos quais encontram-se intimamente ligados, possivelmente por interesses práticos, então Auschwitz não teria sido possível, pois as pessoas não o teriam aceito. A estrutura atual da sociedade – e provavelmente há milênios – não reside, como se tem ideologicamente atribuído desde Aristóteles, na atração entre os homens, mas sim na busca do interesse próprio de cada um contra os interesses de todos os demais. Isso penetrou profundamente no caráter humano. O que for contrário a esse conceito, o espírito gregário, da chamada *lonely crowd*, a multidão solitária, representa uma reação, uma aglutinação de pessoas frias que não suportam a própria frieza, mas também não podem modificá-la. Todas as pessoas hoje, sem qualquer exceção, sentem-se mal-amadas, porque não são capazes de amar suficientemente. A incapacidade de identificação foi, sem dúvida alguma, a principal condição psicológica para que algo como Auschwitz pudesse acontecer no meio de uma coletividade relativamente civilizada e inócua. O que se convencionou denominar "mentalidade sequaz" foi

inicialmente interesse comercial: que fossem protegidos os próprios interesses antes de todos os demais para não correr risco algum, para não se queimar. Essa é uma regra geral de sobrevivência. O silêncio frente ao terror foi apenas a sua consequência. A frieza das mônadas sociais, do concorrente isolado, foi como indiferença ao destino dos outros, a condição para que bem poucos tivessem se agitado. Disso sabem os algozes; isso eles testam repetidamente.

Não me entendam mal. Não estou pregando o amor. Cultivá-lo me parece esforço vão; a ninguém caberia o direito de pregá-lo, porque a falta de amor hoje – como eu já disse – é uma falha de *todos*, sem exceção. Para pregar o amor, seria preciso que aqueles aos quais nos dirigimos, que procuramos modificar, tivessem uma estrutura de caráter diferente. Porque as pessoas que devemos amar já são incapazes de fazê-la e assim se tornam, por sua vez, menos dignas de ser amadas. Foi um dos maiores impulsos do cristianismo, não diretamente idêntico ao dogma, o de eliminar a frieza que em tudo penetra. Mas a experiência fracassou; possivelmente porque não atingiu a ordem social que produz e reproduz a frieza. Possivelmente aquele calor humano que tanto almejamos nem sequer tenha existido até hoje, salvo por curtos períodos, em grupos bem restritos, talvez entre alguns selvagens pacíficos. Os desprezados utopistas viram isso. Desse modo, Charles Fourier determinou a atração como um fator ainda a ser estabelecido através de uma ordem social digna do ser humano; reconheceu também que esse estado só seria possível quando os impulsos humanos deixassem de ser reprimidos e fossem satisfeitos e liberados. Se alguma coisa pode ajudar contra a frieza como condição da desgraça, seria um entendimento das próprias condições que a causam e a tentativa de combatê-las antes de tudo no contexto individual. Crê-se que quanto mais bem forem tratadas as crianças, quanto menos forem negadas na infância, mais chances elas terão. Mas aqui também ameaçam ilusões. Crianças que nem desconfiam da crueldade e da dureza da vida são articularmente expostas à barbárie uma vez que deixam a sua proteção. Antes de tudo, é impossível incentivar os pais para o

calor humano, na medida em que eles mesmos são produto dessa sociedade e dela carregam os estigmas.

O incentivo de dar mais calor humano aos filhos faz com que os pais funcionem artificialmente e, assim, esse calor acaba sendo negado. Além disso, é impossível pleitear amor em situações profissionais, como a do professor com o aluno, o médico com o paciente, o advogado com o cliente. O amor é imediatista e se opõe decididamente a relacionamentos arquitetados. A adesão ao amor – possivelmente na forma imperativa de que devemos proceder desse modo – é um componente da ideologia que preserva a frieza para sempre. Dela fazem parte a compulsão, a repressão, que se opõem à capacidade de amar. A primeira coisa a fazer seria, portanto, ajudar na conscientização da frieza em si e apurar os motivos que a ela levaram. Finalizando, ainda quero abordar, em poucas palavras, as possibilidades de conscientização dos mecanismos subjetivos de modo geral, sem os quais possivelmente não existiria Auschwitz. É primordial o conhecimento desses mecanismos e, ainda, aqueles da defesa estereotipada que bloqueia tal conscientização. Quem afirmar hoje que não foi tão mal assim, já estará defendendo o ocorrido, e estaria evidentemente disposto a assistir ou colaborar se tudo voltasse a ocorrer. Se o esclarecimento racional – como bem sabe a psicologia – não dissolve diretamente o mecanismo inconsciente, pelo menos fortalece na pré-consciência determinadas contra-instâncias e ajuda a preparar um clima desfavorável aos extremismos. Se todo o consciente cultural fosse realmente inundado com uma premonição do caráter patológico dos traços que floresceram em Auschwitz, talvez as pessoas controlassem melhor esses traços.

Restaria esclarecer sobre a possibilidade do deslocamento daquilo que em Auschwitz fugiu totalmente ao controle. Amanhã poderá ser um grupo que não seja os judeus, por exemplo os idosos, que escaparam por pouco no Terceiro Reich, ou então os intelectuais ou simplesmente grupos divergentes. O clima – e saliento esse ponto – que mais favorece esse renascimento, é o nacionalismo que

retoma. Ele está cada vez mais casmurro porque, na era da comunicação internacional e dos blocos supranacionais, já não consegue acreditar em si mesmo inteiramente, precisando exagerar até o máximo para convencer a si mesmo e aos demais que ainda continua substancial. Seria possível indicar possibilidades concretas de resistência. Poder-se-ia abordar a questão dos assassinatos por eutanásia que, na Alemanha, graças à resistência, não foram cometidos em toda a extensão planejada pelos nacional-socialistas. A resistência limitou-se ao próprio grupo; e isso é exatamente um sintoma bastante evidente e difundido da frieza universal. Resistência que, além de tudo o mais, é também limitada em vista da insaciabilidade em que se baseia o princípio das perseguições. De modo geral, qualquer pessoa que não pertença exatamente ao grupo perseguidor é uma vítima em potencial; existe, pois, um drástico interesse egoísta ao qual se poderia apelar. Finalmente, seria preciso fazer uma avaliação das condições objetivas e históricas das perseguições. Os chamados movimentos de renovação nacional, numa época em que o nacionalismo está superado, são óbvia e especialmente sujeitos a práticas sádicas.

Toda doutrinação política, enfim, deveria centralizar-se na necessidade de evitar uma repetição de Auschwitz. O que só seria possível se essa doutrinação, em receio de chocar-se com quaisquer poderes, pudesse ocupar-se abertamente dessa tarefa, que é o mais importante. Para tanto, ela precisaria transformar-se em sociologia e dessa forma esclarecer sobre o jogo dos poderes na sociedade que tem o seu lugar sob a superfície das formas políticas.

Deveria dar-se um tratamento crítico, apenas para fornecer um modelo, a um conceito tão respeitável como o da razão de Estado; ao se colocar o direito de Estado acima do direito dos membros da sociedade já está criado o potencial para o horror.

Durante o exílio em Paris, Walter Benjamin perguntou-me, certa feita, quando eu ainda voltava esporadicamente para a Alemanha, se lá havia ainda algozes em número suficiente para executar as ordens dos nazistas. Havia.

Apesar disso, a pergunta tem sua profunda razão de ser. Benjamin sentiu que as pessoas que o *fazem*, em contraste com os assassinos de escrivania e ideólogos, agem contrariamente aos seus próprios interesses imediatos, pois cometem, ao matarem os outros, assassinato sobre si próprios. Receio que através das medidas educativas, por mais abrangentes que sejam, será difícil evitar que assassinos de escrivania tornem a aparecer. Mas que existem pessoas que lá embaixo, como servos, portanto, praticam atos que se destinam a perpetuar a sua própria servidão e se despem de toda a dignidade humana; que continuem existindo Bogers e Kaduks, contra isso se pode fazer alguma coisa, pela educação, pelo esclarecimento.